



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

**Cinemateca Júnior**

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

## EVERYONE SAYS I LOVE YOU / 1996

*(Toda a Gente Diz Que Te Amo)*

Um filme de **Woody Allen**

**Realização e Argumento:** Woody Allen / **Fotografia:** Carlo Di Palma / **Direcção Artística:** Santo Loquasto / **Figurinos:** Jeffrey Kurland / **Montagem:** Susan E. Morse / **Música:** Dick Hyman / **Coreografia:** Graciela Daniele / **Intérpretes:** Woody Allen (Joe), Goldie Hawn (Steffi), Alan Alda (Bob), Julia Roberts (Van), Drew Barrymore (Skylar), Tim Roth (Charles Ferry), Lukas Haas (Scott), Natasha Lyonne (D.J.), Edward Norton (Holden), Natalie Portman (Laura), Gaby Hoffman (Lane), Trude Klein (Frieda), David Ogden Stiers (o pai de Holden).

**Produção:** Robert Greenhut, para Sweetland Films; distribuído por Buena Vista / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, 35mm, colorida, versão original legendada em português, 100 minutos / **Estreia Mundial:** Festival de Veneza, Setembro de 1996 / **Estreia em Portugal:** Londres, Quarteto, S. Jorge, em 23 de Maio de 1997.



Os primeiros anos da década de 90 foram, para Woody Allen, o tempo de “*shadows and fog*”. Sombras e nevoeiro que pairaram sobre a sua já “velha” relação com Mia Farrow e que se vão adensando até ao “caso” bem noticiado pela imprensa que esteve na base da ruptura. Como a obra de Woody Allen é uma daquelas que se podem considerar mais “transparentes” (no sentido em que vida e obra parecem influenciar-se mutuamente, reflectindo-se e “completando-se”) os filmes deste período estão, inevitavelmente, marcados por esse estado de espírito, entre o drama e a irrisão da abordagem “psicanalítica”, que vão de **Another Woman** ao segmento de **New York Stories**, **Oedipus Wrecks**, cuja homofonia remete para “*Oedipus Rex*”).

**Manhattan Murder Mystery** vem, em 1993, marcar uma mudança na obra e percurso do autor, e que tem a ver com a superação daquilo a que chamei síndrome "Mia Farrow". Essa superação passa por diversas etapas, mas todas elas estão marcadas pelo humor, que através das mesmas velhas fórmulas apresenta um "ar" renovado, mais "espontâneo" e comunicativo, menos complexado, quando não goza mesmo com os próprios complexos. Esta "reviravolta", ou irónica auto-crítica, que traz uma maior acessibilidade aos seus motivos e às suas elucubrações humorísticas por parte do público, está, naturalmente, na base da reconquista da bilheteira e dos favores dos espectadores (atraídos também pela "aura" de escândalo que o rodeia e que ele sabe também gerir em proveito próprio e da sua obra: veja-se não só **Deconstructing Harry** mas também **Celebrity**). Woody Allen declarou numa entrevista ter superado a sua fase "angustiosa" que o fez passar anos e anos no divã do psicanalista, tendo encontrado a felicidade com a sua nova relação, Soon Yi Previn, que esteve na origem do conflito com Mia Farrow. Para além do que isto tem de afirmação típica do autor, merece referência por "explicar" algumas alterações significativas nos personagens dos filmes da fase mais recente que Woody Allen interpreta ou nos quais se "projecta" (Kenneth Branagh no referido **Celebrity**).

O caso de **Everyone Says I Love You** é exemplar do que atrás ficou dito, e talvez seja o filme que melhor ilustra o processo, e a "distanciação" a que Woody sujeita a sua "tradicional" personagem neurótica. Joe, o seu "alter ego" neste filme está cheio de problemas sentimentais, debatendo-se no meio das nossas já conhecidas "angústias" sexuais, e tentando lançar-se a uma nova "conquista", a jovem Von-Julia Roberts, cheia de problemas e em busca do homem "ideal". De certo modo, o encontro e a relação que se vai estabelecer entre os dois retoma a situação de **Annie Hall**, com as mudanças que têm a ver com as alterações de humor e de "maturidade", esta agora mais reflexiva em relação aos "outros", menos solipsista. Como **Annie Hall**, Van procura superar os seus problemas através da terapia psicanalítica. Como em **Annie Hall**, Woody explora essa dependência em proveito próprio. Mas enquanto no primeiro dos filmes, o autor "acreditava" no método e procurava ser seu "complemento", isto é, servir de "aplicação prática" à teoria, em **Everyone Says I Love You**, Woody "apropria-se" clandestinamente do saber para se encenar a si próprio como a figura sonhada por Van. Woody preocupa-se agora exclusivamente em explorar a "mais-valia" psicológica que lhe trazem as escutas que a filha faz no consultório da psicanalista. Podemos também chamar de "distanciação" à situação que aqui se coloca na medida em que o que Woody faz como "personagem" em relação a Van (criando uma "ficção" para ela), é o que faz como realizador em relação aos actores com os personagens que para eles cria, e destes com os espectadores (o que era a ideia subliminar de **The Purple Rose of Cairo**)

Se de todos os filmes desta fase na obra de Woody Allen os mais importantes são **Deconstructing Harry** e **Celebrity**, **Everyone Says I Love You** parece-nos ser o mais significativo dessas mudanças (ou "buscas" de temas e ideias), não tanto pelas "alterações" no personagem (que os outros dois filmes levam mais longe) como na "vontade" que se sente de "expor" essa mudança, fazendo acompanhar a transformação psicológica com uma mudança geográfica. Caso então raro num filme de Allen: grande parte do filme (se não a maior pelo menos a mais importante) não decorre como habitualmente em Manhattan mas em Paris. Não menos sugestiva: a exploração de uma faceta musical, fazendo "nascer" nos momentos mais inesperados, cenas cantadas (em "off") e dançadas na tradição daquele género, não isentas de humor (o número no hospital), fantasia (o "bailado" de Allen e Goldie Hawn com a "ajuda" de efeitos especiais) e misturando os dois como no irresistível número final: a festa com os "Grouchos Marx".

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico